

Os custos contêm a euforia

A pesar de todas as incertezas quanto ao futuro da economia mundial, as *commodities*, especialmente as agrícolas, mantém-se num ciclo aparentemente interminável de alta nos preços. A soja e o milho atingiram os preços mais altos da história. Sem dúvida, isso coloca o Brasil numa posição de destaque, por causa dos seus diferenciais competitivos. Por essa razão, o país está numa posição em que pode não só se safar dos efeitos perversos da crise anunciada como, até mesmo, tirar proveito dela.

O crescimento de 5,4% no PIB brasileiro em 2007, acima das expectativas do próprio governo, tem tudo a ver com o agronegócio. A agropecuária, em particular, foi a atividade econômica que mais contribuiu para esse desempenho, impulsionada pelo crescimento da produção, pelos preços excepcionalmente elevados


dos produtos da agricultura e da pecuária e, indiretamente, pelo seu efeito sobre toda a cadeia produtiva, que inclui a indústria, o comércio e os serviços dependentes do desempenho do setor primário. Os grandes destaques entre os produtos agrícolas, com extraordinário aumento no valor da produção, foram: trigo (62%), algodão (33,5%), milho (21%), cana (13%) e soja (10%).

Além disso, o mês de fevereiro registrou um importante recorde histórico na balança comercial do agronegócio: pela primeira vez, as exportações acumuladas no período de 12 meses ultrapassaram os US\$ 60 bilhões. Mais uma comprovação de que o agronegócio brasileiro se consolidou como o segundo mais importante do mundo, atrás apenas dos Estados Unidos.

O formidável desempenho dos produtos agrícolas está por trás desses indicadores positivos. Grãos, carnes, café, ál-

{Silmar César Müller*}

O AGRONEGÓCIO VAI BEM E O BRASIL ESTÁ PROSPERANDO POR CAUSA DO AGRONEGÓCIO. MAS OS PREÇOS DOS INSUMOS PENALIZAM O PRODUTOR, QUE ESTÁ NA BASE DA CADEIA



cool, algodão, frutas, sucos, produtos florestais, couros e seus artefatos, enfim, tudo o que o agronegócio gera está num momento único em termos de perspectivas e oportunidades. Resta saber o que isso significará em novos investimentos e garantia de crescimento futuro do setor.

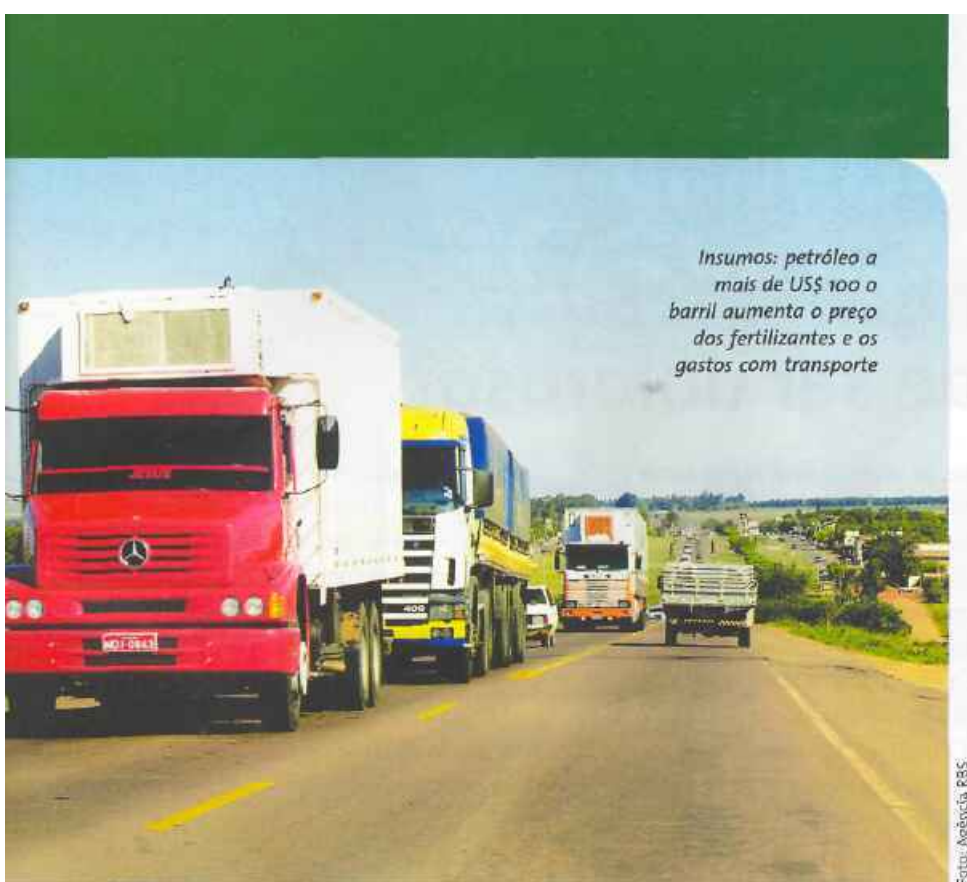
Há preocupações também - e muitas. Uma delas é quanto à manutenção da demanda mundial, que está na base do atual ciclo de alta nos preços. Os temores de uma recessão nos Estados Unidos e seus efeitos sobre a economia mundial são apenas uma parte da incógnita. Até agora, as *commodities* foram pouco afetadas. Os preços do petróleo continuam nas nuvens, o que puxa as cotações dos demais produtos básicos. O consumo mundial de alimentos permanece elevado, graças ao vertiginoso crescimento das economias emergentes - a China, a Índia, a Rússia e o próprio Brasil.

A questão que se coloca é o quanto esses países serão ou não afetados pela desaceleração da maior economia do mundo, a dos EUA? No agronegócio brasileiro, as dúvidas são enormes. A produ-

VAI ACONTECER

O melhor investimento

A explosão dos preços das *commodities* agrícolas tem motivado gente que não é do ramo a investir em ações de empresas do agronegócio. A dúvida vem na hora de escolher em qual área estão as melhores oportunidades, já que todos os setores parecem estar bem. Seria na produção ou na indústria processadora? As respostas não são tão óbvias quanto possam parecer. Os produtores estão pagando caro para produzir, pois os custos dos insumos - fertilizantes, sementes e agroquímicos - sobem vertiginosamente. As indústrias de alimentos também estão pagando caro para processar os produtos comprados dos produtores e nem sempre conseguem repassar todo o aumento de custo para os preços. Fica mais perto de uma escolha acertada quem apostar num terceiro elo da cadeia: os fabricantes de insumos agrícolas. Eles não correm os riscos do cultivo, nem precisam comprar o produto do agricultor.



Insumos: petróleo a mais de US\$ 100 o barril aumenta o preço dos fertilizantes e os gastos com transporte

Foto: Agência RBS

Anúncio

ção de grãos, neste momento em fase de colheita, teve problemas localizados de clima. Mesmo assim, as estimativas (ainda a ser confirmadas) apontam para um recorde de produção de 139 milhões de toneladas, 6% acima da colheita de 2007.

Porém, mesmo com a boa safra e com as elevadas cotações internacionais dos produtos agrícolas, o produtor rural brasileiro não tem certeza de que terá uma grande rentabilidade este ano. Uma das razões é o forte aumento também dos custos de produção e comercialização. Os preços dos fertilizantes nitrogenados, por exemplo, subiram estratosféricamente, pois são dependentes do petróleo. E o petróleo caro impacta diretamente também sobre os custos do transporte, sobretudo nas regiões produtoras de grãos do Centro-Oeste, distantes dos mercados consumidores e dos portos de exportação. Sem contar que muitos têm dívidas de safras anteriores ainda por resgatar.

Há outro agravante. Muitos produtores - senão a maioria - fecharam negócios antecipados para esta safra, antes da

recente escalada dos preços internacionais. Com o dólar em trajetória de queda, vão receber na entrega da colheita um preço abaixo da atual cotação e muito menos reais. Essa situação se deve, em boa parte, à falta de hábito do produtor de buscar proteção nas bolsas de mercados futuros, que poderiam compensar as perdas no mercado físico. Ainda há muito que agregar de gestão no modelo de negócios do produtor brasileiro. Não basta produzir bem. Ele precisa, também, começar a planejar melhor a comercialização, utilizando os modernos instrumentos financeiros de mercado já disponíveis no país.

Nesse cenário, sobram dúvidas em relação à próxima safra. Será que o produtor vai estar suficientemente capitalizado para continuar investindo e, assim, aproveitar as boas perspectivas que o mercado ainda vai oferecer para 2008/2009? Ou, pelo contrário, não vai conseguir pegar a tempo o bonde do excelente momento que se apresenta para o Brasil neste histórico ciclo de alta das *commodities*? ■

'Jornalista e consultor de agronegócios